

A FORÇA DOS DIREITOS - O SUJEITO E A FELICIDADE COLETIVA: PEQUENO DISCURSO SOBRE MÉTODO*

JON ELSTER

A doutrina do individualismo em política pode ser considerada sob dois ângulos diversos. Pode ser vista como **individualismo metodológico** — segundo o qual todas as motivações dos eventos e instituições políticas se baseiam em última análise no comportamento individual. Ou então, o individualismo pode ser considerado como **individualismo ético**, segundo o qual qualquer avaliação de um sistema político deve orientar-se, em última análise, pelas consequências que ele tem para os indivíduos. É possível compartilhar um destes pontos de vista sem compartilhar o outro. Marx, por exemplo, era um individualista ético e não um individualista metodológico.

O **individualismo metodológico**. Esta teoria é uma forma de reducionismo. Segundo o que ela sustenta, é possível explicar a sociedade — em sua estrutura e em seu desenvolvimento — em termos dos indivíduos que a compõem, assim como se pode explicar a estrutura e as características das células em termos das moléculas que as constituem. Por isso este ponto de vista opõe-se a qualquer idéia de que as sociedades se desenvolvam como "entidades", orgânicas ou

de outro tipo. Na medida em que as sociedades estão sujeitas a leis de auto-regulação e a leis de movimento, tais leis devem ser deduzidas de afirmações relativas aos indivíduos e às suas interações. Na história não existem "tendências imanentes" que nos impelem para determinadas metas ou que levam a determinados fins. Qualquer tendência deste gênero vai demonstrar-se a partir "de baixo", partindo do comportamento dos indivíduos e evidenciando como ele acabará por manifestar-se em certos modelos coletivos.

No pensamento político ocidental, a negação do individualismo metodológico é frequentemente acompanhada de uma perspectiva teleológica, de uma filosofia especulativa da história. Isto, na tradição marxista adquiriu a forma de um poderoso credo, segundo o qual a humanidade como sujeito coletivo estaria se dirigindo ao comunismo, donde ser lícito considerar todos os percalços como sendo meramente transitórios. As implicações desta postura foram catastróficas. Diante da perspectiva de uma felicidade eterna e certa, não existe sofrimento contemporâneo que possa pesar nesta balança: daí a postura impiedosa em

* Dossiê "Individualismo e solidarietà negli anni 80". Publicado no Suplemento II Contemporâneo do jornal *Rinascita* n° 43, sábado, 16 novembro 1985. (pg.17-28) (Tradução Milton lahuerta).

relação aos indivíduos que parecem obstaculizar o caminho para o comunismo. Uma abordagem que leve em consideração as dificuldades inerentes à previsão do desenvolvimento social, colocaria muito mais ênfase sobre os fardos daqueles que vivem no presente.

Do mesmo modo, a consciência de classe vista como motor da ação social não pode ser outra coisa senão a consciência empírica dos inúmeros membros individuais da classe. Os interesses objetivos da classe no seu conjunto não têm, em si mesmos, força causal ou explicativa. Por exemplo, não se pode considerar simplesmente que os trabalhadores estarão em condições de agir pelo seu interesse comum apenas se colocados diante das "vantagens corporativas" que oferecem a cada um deles um incentivo para permanecer passivo. É inútil dizer que isto não equivale, de modo algum, a afirmar que eles não conseguirão jamais superar esse obstáculo à ação coletiva, mas significa apenas que este é um obstáculo que algumas vezes pode bloquear esforços comuns. As revoluções não ocorrem quando e porque estavam na agenda da história, ou porque correspondam aos interesses objetivos da classe revolucionária em seu conjunto: ocorrem porque existem indivíduos que têm interesse em desencadear um comportamento revolucionário ou em associar-se a ele.

Alguns rejeitarão -- e não estarão errados -- estas afirmações como extremamente óbvias. Todavia, não devemos esquecer que foram muitos os que pensaram diversamente e que o coletivismo metodológico ainda age como força inconsciente na configuração das crenças de muitos, na maioria das vezes completamente ignorantes de serem defensores de uma doutrina do gênero. Hoje

o que interessa não é contrastar uma doutrina que poucos defendem explicitamente, mas sim criticar suas assunções implícitas.

Individualismo ético. A tese segundo a qual, para fins éticos, contam apenas as pessoas, pode soar igualmente óbvia. E mesmo, quando suas implicações são plenamente conhecidas, alguns poderão ficar tentados a oporem-se a elas. Esta tese exclui, por exemplo, que a proteção do ambiente possa ter, além do valor que as pessoas lhe atribuem, um valor em si mesmo. Do mesmo modo, a tese exclui que a igualdade entre grupos possa ser por si só um valor. Por exemplo, um individualista ético poderia não aceitar uma reforma portadora de maior igualdade entre homens e mulheres se ela fosse também causadora de um acréscimo de desigualdade entre os indivíduos da sociedade.

Uma das versões do individualismo ético vai ainda além, afirmando que **todos** contam, e que todos contam **igualmente**. A filosofia utilitária é uma das versões deste princípio. A democracia -- caracterizada pelo sufrágio universal, "um homem, um voto", e pelo governo da maioria -- representa uma outra versão. É fácil para o utilitarismo opor-se à objeção de que ele desconsidera o fato de que os homens têm direitos, e portanto não podem ser tratados como meros meios para a felicidade universal. Também os recipientes contam, e não apenas pela quantidade complexiva de líquido (felicidade) que é possível neles despejar. Se se tivesse segurança quanto ao fato de que o sofrimento de uma geração levasse à felicidade de todos os futuros seres humanos, mesmo assim este sacrifício poderia ser contestado com base no direito daquela primeira geração. No seio da

teoria democrática surge um problema análogo. Se uma maioria decidisse abolir a liberdade de religião ou a liberdade política, a minoria poderia, com razão, protestar pela violação de seus direitos.

Estes problemas demonstram que um individualismo político aceitável implica algo mais que o respeito aos indivíduos, isto é, implica também o respeito ao **indivíduo**.